

GT 01: DESCRIÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA

ICONICIDADE LINGUÍSTICA E A EXPRESSIVIDADE DOS FONEMAS: O EFEITO TAKETE-MALUMA

Rosa Gizene da Silva Teixeira

Universidade Regional do Cariri - URCA

gizeneteixeira@gmail.com

Francisco Heitor Pimenta Patrício

Universidade Regional do Cariri - URCA

heitor2014@hotmail.com

Yara Ribeiro de Hollanda

Universidade Regional do Cariri - URCA

yara.hollanda@urca.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tecer comentários a respeito da experiência feita por pesquisadores brasileiros na qual recriam o experimento Takete-Maluma em falantes do português brasileiro e relacioná-lo a uma segunda réplica do mesmo experimento feito na disciplina de Estilística, cursada na Universidade Regional do Cariri, Campus de Missão Velha, no período de Novembro de 2018. Para isso, procuramos entender quais os processos utilizados pelos pesquisadores, tanto do experimento original quanto sua reprodução por brasileiros, e qual a importância do resultado desses estudos. É importante, também, entender que esse experimento, criado inicialmente por Köhler (1929), tinha, como intuito, saber se existia alguma relação entre símbolo e o som e como essa relação se dava. Vários estudos foram surgindo investigando, também, a relação do potencial expressivo dos fonemas com o símbolo linguístico, entretanto, nenhum desses estudos focava os falantes do português brasileiro. É preciso ressaltar, também, que esses estudos foram de grande importância para melhor adaptar o conceito da Iconicidade Linguística que, de forma objetiva, se relaciona com o potencial expressivo dos fonemas. Para realizar essa pesquisa, fizemos um estudo bibliográfico na literatura, em especial em Fonoestilística, já existente e a comparamos com a pesquisa e os resultados do experimento em falantes do português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Potencial expressivo. Fonoestilística. Iconicidade.

1 INTRODUÇÃO

A capacidade expressiva dos fonemas e como eles estão relacionados aos signos linguísticos vêm preenchendo os estudos linguísticos há muito tempo, em especial os

estudos do campo da Fonoestilística. Tal fator traz questões pertinentes como, por exemplo, existe ou não relação entre signo e ícone? A relação entre tais elementos pode ser expressa claramente ou não? Para começar essa discussão, é preciso entender, primeiramente, a definição de signo e ícone. Para a Linguística saussureana, signos são conjuntos sonoros carregados de significado, já o Dicionário de Linguística (DUBOIS ET AL., 1993, p. 328) define ícone como “signos que estão numa relação de semelhança com a realidade exterior, que apresentam a mesma propriedade que o objeto denotado”, isto é, são símbolos visuais ou imagéticos nos quais podemos reconhecer por meio da semelhança visual com o objeto que representa. Essa relação entre signo e ícone é chamada de iconicidade. Nesse sentido, podemos atribuir a escolha de fonemas feitas para designar determinado objeto por meio de sua forma. Seguindo na contramão de tais conceitos, Saussure (2006, p. 81-82) postula a arbitrariedade do signo como o primeiro e mais importante princípio da Linguística: “Assim, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual” (aspas e itálico no original). O linguística genebrino, em seguida, ressalta que o princípio da arbitrariedade “domina toda a linguística da língua” (*op.cit.*). Assim, podemos dizer que o falante não tem livre escolha para criar as palavras que quer. Qualquer uma das milhares de palavras existentes poderia determinar qualquer uma das coisas existentes, sem que, para isso haja necessidade de manter uma relação lógica.

Entendemos melhor a definição de Iconicidade e sua importância para os estudos linguísticos quando percebemos que os fonemas são marcados por valores expressivos observáveis que vão além dos sons emitidos na cadeia sonora, podendo proporcionar sensações auditivas, cinéticas e tácteis que conferem uma ideia a cada fonema vocálico ou consonantal pronunciado ou representado, nas palavras, frases, textos (SANTOS, 2016). Essa capacidade expressiva dos fonemas interfere concretamente na relação entre o significante e o significado.

2 DISCUSSÃO

A Estilística do som ou fonoestilística, segundo Martins (2012), trata dos valores expressivos que podemos observar nas palavras e enunciados tendo por base a cadeia sonora: “fonemas e prosodemas (acento, entoação, altura e ritmo) constituem um

complexo sonoro de extraordinária importância na função emotiva e poética” (MARTINS, 2012, p. 45).

Os sons de uma língua, além de atribuir o valor opositivo entre as palavras, possuem uma função expressiva que pode provocar diferentes tipos de sensações: cinéticas, tácteis, auditivas, de agrado ou desagrado e, ainda, sugerir ideias ou impressões. “Evidentemente, essas impressões e sugestões oferecidas pela matéria fônica são recebidas de maneira diversa conforme as pessoas” (MARTINS, 2012, p.45).

Dentre os estudiosos que se debruçaram sobre o potencial expressivo dos fonemas podemos citar: Charles Bally, Maurice Grammont e Henri Morier. Todos afirmam que os fonemas possuem potencial expressivo. No entanto, as ideias que podem sugerir só são perceptíveis quando postas em relevo pela significação das palavras. Bally (1941) afirma que:

Não há dúvida de que na matéria fônica se escondem possibilidades expressivas. Deve-se entender como tal tudo que produza sensações musculares e acústicas: sons articulados e suas combinações, jogos de timbres vocálicos, melodia, intensidade, duração de sons, repetição, assonância e aliterações, silêncios etc. Na linguagem, estas impressões fônicas permanecem em estado latente enquanto o significado e o matiz afetivo das palavras em que figuram sejam indiferentes ou opostos a esses valores, mas brotam quando há concordância. (BALLY, 1941, p. 101)

Para corroborar as ideias acima, Martins (2012) assim exemplifica: “o potencial de ‘escuridão’ da vogal /u/ se aproveita em *escuro*, *noturno*, mas é recusado em *luz*, *diurno*”(MARTINS, 2012, p.46). A autora afirma, ainda, que essas impressões e sugestões oferecidas pela expressividade sonora são recebidas e percebidas de maneira diversa pelas pessoas. De acordo com a autora, são os poetas e artistas que melhor depreendem o potencial expressivo dos fonemas e deles extraem um uso requintado.

Quando não há nenhuma correspondência entre o significante e o significado, os sons e a articulação da palavra, ocorre, então, a arbitrariedade preconizada por Saussure. A isto podemos dizer que a palavra possui um nível de expressividade zero. Havendo alguma correspondência, há o que Martins (2012) chama de *motivação sonora*. Motivação sonora, segundo a autora, “é uma das propriedades da linguagem poética. [...] É um dos recursos para que a mensagem valha por si mesma, não apenas pelo seu valor referencial, conforme Jakobson” (MARTINS, 2012, p. 47). A autora explica, ainda, que:

A correlação som-ideia abstrata pela faculdade de nosso cérebro em associar, comparar, classificar ideias, colocando num mesmo grupo conceitos intelectuais e impressões fornecidas pelos sentidos, de modo que as ideias abstratas são associadas a ideias de cor, som, odor, dureza, moleza, peso; daí dizermos: *ideias graves, ligeiras, negras, luminosas, largas, profundas; pensamentos doces, amargos; coração leve, tristeza pesada* etc. A comparação é inteligível graças a uma série de associações; traduz-se uma impressão intelectual por uma impressão sensorial. A linguagem comum fornece elementos para traduzir impressões audíveis através de impressões dadas por outros sentidos: ela distingue sons claros, graves, agudos, duros. As vogais são ditas *claras, agudas, graves, escuras, brilhantes*; as consoantes *secas, duras, doces, moles*. Assim, uma vogal escura poderá traduzir uma ideia escura e uma vogal grave uma ideia grave. (MARTINS, 2012, p. 48)

Essa relação entre som e significado (ou som e forma) tem sido objeto de pesquisas de estudiosos da linguagem, de linguistas e de psicólogos. Um dos trabalhos mais relevantes foi realizado através de um experimento chamado Takete-Maluma, desenvolvido por Köhler (1929). O autor percebera que alguns sons são relacionados a determinadas formas geométricas. Logo após, Nielsen e Rendall (2011) desenvolveram uma investigação mais ampliada sobre o assunto, replicando o experimento de Köhler. O objetivo dessas investigações era definir a função que cada fonema exerce na palavra, associar os sons expressos por eles a algumas formas e refletir sobre essa relação.

O experimento feito por Nielsen e Rendall, consistia em investigar como as pessoas relacionariam formas/figuras a palavras criadas estrategicamente para esse fim e qual a função e o valor expressivo das vogais e consoantes. Foram apresentados dois tipos de figuras: uma de formas arredondadas e outra de formas pontiagudas. Nenhuma das figuras corresponde a objetos conhecidos no mundo real. Em seguida, foram apresentadas duas palavras, sem significação conhecida, propositalmente formuladas utilizando os conceitos de expressividade dos fonemas: takete e maluma

A investigação concluiu que a palavra Maluma, composta pelos fonemas consonantais /m/ e /l/ e os vocálicos /a/ e /u/, foi associada a formas redondas, enquanto que a palavra Takete, composta pelos consonantais /t/ e /k/ e os vocálicos /a/ e /e/, foi associada a formas pontiagudas.

Esse experimento concluiu que o valor expressivo das consoantes é maior que o das vogais, pois, mesmo trocando as vogais das palavras, Maluma por Maleme e Takete por Takuta, as associações continuaram iguais. Esse experimento também foi realizado com falantes do português brasileiro e o resultado foi semelhante (NILSEN e RENDALL, 2011).

De acordo com estudos sobre a potencialidade expressiva dos fonemas já citados, a associação das palavras às formas arredondadas é explicada através do valor expressivo e das sensações provocadas por esses fonemas. As formas arredondadas possuem linhas mais suaves e são associadas às palavras com /m/, /b/, /l/, e /g/, pois essas consoantes provocam sensações auditivas fracas, abafadas e prolongadas, sensação cinética de deslizamento e sensações tácteis de leveza e suavidade; a vogal /a/ ainda pode sugerir uma sensação de calma e a vogal /u/ de fechamento. As formas pontiagudas possuem linhas expressivas traçadas rapidamente e são associadas a palavras com /p/, /t/, e /k/, já que essas consoantes provocam sensações mais secas, fortes e violentas; a vogal /a/ reforça a provocação do som alto e forte.

Associando essas sensações às palavras Maluma e Takete, assim como à suas devidas pronúncias e suas formas, respectivamente, arredondada e pontuda, percebe-se a importância da expressividade dos fonemas para o estudo da relação som e forma.

Durante uma disciplina de Estilística ministrada no curso de Letras da Universidade Regional do Cariri, no período letivo de 2018.2, tivemos a oportunidade de replicar, de maneira menos abrangente, o referido experimento entre alunos.

Primeiramente, os estudantes tiveram acesso ao capítulo do livro *Introdução à Estilística*, de Nilce Sant'anna Martins (2012), que trata da estilística do som e traz, em seu bojo, algumas impressões e ideias que podem ser transmitidas pelos fonemas vocálicos e consonantais. Martins (2012) afirma que as consoantes oclusivas surdas, /p/, /t/, /k/, pelo seu traço explosivo, transmitem uma sensação mais forte, violenta ao passo que as consoantes nasais, /m/, /n/, /nh/, passam a ideia de suavidade, doçura, delicadeza.

Posteriormente, foram apresentadas duas figuras, sem correspondência com o mundo real: uma de formas arredondadas e outra de formas pontiagudas. Foi solicitado dos estudantes que nomeassem as figuras com uma das seguintes possibilidades: tatité ou mamabo, baseando-se no potencial expressivo dos fonemas.

Além de nomear as figuras, os estudantes tiveram que justificar suas escolhas. Tendo em vista a diferença metodológica entre o experimento takete-maluma (o original) e o experimento tatité-mamabo, realizado na disciplina de Estilística, os alunos da disciplina tiveram acesso a material bibliográfico que explicava, previamente, o potencial expressivo dos fonemas enquanto que, no experimento original, os

participantes não dispunham de informação prévia sobre expressividade sonora dos fonemas.

O resultado obtido foi semelhante ao do experimento takete-maluma e a figura de forma arredondada recebeu o nome de mamabo, enquanto a forma pontiaguda recebeu o nome de tatité. As justificativas apresentadas pelos estudantes da disciplina de Estilística correspondem à explicação apresentada no experimento original em que se verificou que os fonemas /m/, /b/, /l/, e /g/ são associados a formas arredondadas, enquanto que os fonemas /p/, /t/, e /k/ são associados a palavras pontiagudas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O valor expressivo dos fonemas é, sem dúvida, algo extremamente subjetivo, impreciso, facilmente influenciado pelos excessos imaginativos. Entretanto, é inegável que o estudo da iconicidade da língua pode trazer contribuições significativas sobre os processos de aquisição e processamento de linguagem.

Entendemos melhor a importância da iconicidade para os estudos linguísticos quando percebemos que os fonemas são marcados por valores expressivos observáveis que vão além dos sons emitidos na cadeia sonora, podendo proporcionar sensações auditivas, cinéticas e táteis nas palavras, frases, textos e influenciar nossa percepção de mundo.

Os estudos fonoestilísticos quando afirmam que as consoantes oclusivas surdas, /p/, /t/, /k/, pelo seu traço explosivo, transmitem uma sensação mais forte, violenta ao passo que as consoantes nasais, /m/, /n/, /nh/, passam a ideia de suavidade, doçura, delicadeza, encontram respaldo nos resultados que foram obtidos tanto no experimento takete-maluma, quanto no tatité-mamabo. Esses experimentos demonstram que as sensações transmitidas pelos fonemas nos permitem associar palavras e sons, mesmo desconhecendo o real significado de ambos, somente pelo aspecto estético e sonoro.

Esses experimentos trazem à luz a relevância dos estudos de iconicidade linguística, não só pelo seu valor expressivo em si, mas também pelo seu potencial de uso em diversos gêneros dentro do domínio literário ou mesmo, do domínio publicitário. Todavia, essa característica icônica não exclui, por completo, a arbitrariedade do signo linguístico, tal como prediz o estruturalismo linguístico. Ambas

características se mostram intercomplementares. De fato, estudos fonoestilísticos, como aqueles aqui apresentados, fomentam o desenvolvimento dos estudos ligados a expressividade linguística e ressaltam a necessidade de futuras pesquisas sobre o tema e suas potencialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLY, Charles. **El Lenguaje y la Vida**. Trad. Amado Alonso. 5 ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1941.

GODOY, Mahayana Cristina. *et al.* **Replicando o efeito Takete-Maluma em português brasileiro**. Revista do GELNE, Natal/RN, v.20. número 1, p. 87-100, 2018.

ÍCONE *in*: DUBOIS Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1993

KÖHLER, Wolfgang. **Gestalt psychology**. Nova York: Liveright, 1929.

KÖHLER, Wolfgang. **Gestalt psychology**. 2 ed. Nova York: Liveright, 1947.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **Introdução à Estilística**. 4 ed. rev. 2 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

NIELSEN, Alan Kirkland Staun; RENDALL, Drew. **The Sound of Round: Evaluating the Sound-Symbolic Role of Consonants in the Classic Takete-Maluma Phenomenon**. In: Canadian Journal of Experimental Psychology, v. 65:2, p.115–24, 2011.

SANTOS, Donizethe Aparecido dos. **A expressividade dos fonemas da língua portuguesa**. UNILETRAS, Ponta Grossa, v. 38, n. 1, p. 71-81, Jan/jun. 2016. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/viewFile/8416/5721> Acesso em 01/02/2019

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006